

## MODELO CÍVICO-LITERÁRIO\*

Aldyr Garcia Schlee

Sempre será preciso riscar com rolha queimada as suíças sobre as bochechas e usar um chapéu de bico e a túnica azul, com medalhas e dragonas, ter uma espada na mão e não esquecer as perneiras, que poderão ser de cartolina preta, mesmo, em volta das canelas, amarrada por trás sobre os sapatos colegiais.

O retrato enluvado do Museu estará aguardando sua sétima condecoração enquanto se transforma em vagas reproduções de autores anônimos, de onde nos olha mortificamente e onde se afoga pálido no colarinho desconfortável.

Distribuir-se-ão quarenta cartas para o voltarete entre os parceiros — esses tres que estão jogando/ figuroens de grande fama/ desandando-lhes a fortuna/ derão consigo na lama — um, com jogo fraco, se retirará; outro, irá à casca, com espadilha, manilha e bastos; o terceiro será apenas o maçon azul montado em seu cavalo de cabo de vassoura e cabeça de massa de papel, com as mesmas suíças do retrato e o ar de quem espera de luvas brancas que o jogo se defina a seu favor.

Convirá lembrar, talvez, que ele não parecia um oficial de guerrilhas acostumado ao trato grosseiro dos gaúchos e à cavalheirosa altiveza dos monarcas, mas sim um homem educado nos salões polidos e magníficos das cidades; o seu espírito ativo e sua sagacidade própria supria bem as estudadas ilustrações que se adquirem nas escolas.

Será preciso dizer-lhe olha, cuidado! ainda não dá para ser, ainda não é chegado o tempo de ser gaúcho bom, se não queres passar por maleva e ladrão de gado. E ele repetirá: Sou brasileiro;

---

\* — Instruções para quem pretender repetir uma conhecida representação escolar na qual Bento Gonçalves chega todo estropiado à porta de uma velhinha e lhe pede o único cavalo a fim de seguir em frente.

nasci cidadão do Império, e assim hei de viver enquanto houver liberdade em meu país.

Então, enquanto o jogo não se definir, João, Antônio, Roberto, Manuel, todos os irmãos se apresentarão rapidamente em cena, e até Francisco ou José, quem sabe Jerônimo, e as meninas também — Antônia, Maria Angélica, Clarinha (Ana não, porque duas Anas ele teria como irmãs e as duas morreriam antes de fazer um ano; como Felisberto, gêmeo de Roberto). Todas as crianças entrarão juntas e se dispersarão pela vida com seus uniformes, palas, casacas, capas, redingotes e títulos de propriedade, inclusive uma batina — depois dividirão entre si as antigas sesmarias do Duro, do Cordeiro e do Cristal, ante a figura do alferes, depois capitão de ordenanças seu pai, que poderá comandar o desfile com a compostura de quem se instala como Juiz Ordinário e Almoxarife em Porto Alegre, inclusive destinando meia-légua em quadro para a localização da Capela de São João Batista de Camaquã.

Sem levar codiího e ainda num cavaleiro de pau pintado de branco, o herói então começará em Triunfo, onde cumprimentará a todos, depois de puxar a espada e matar de passada um pardo metido a valente (não será necessário revelar exatamente o que houve no Capão do Coqueiro, bastará dizer que o morto era um mulato contador de vantagens e brigão).

O retrato recordará que era franco e generoso, bravo com as armas... era o ídolo da campanha. Os homens o adoravam; as mulheres o admiravam. O mais sacudido rapaz achava coisa muito natural que as moças bonitas chegassem à janela para ver passar o elegante velho, com seu talhe alto e espigado, e seu peito amplo e bombeado como a petrina do brioso ginete.

Com jeito será avisado que ainda não está velho e que precisa antes cruzar muitas vezes por aí, ter paciência com suas luvas e ganhar a vida sem depender da cartilha e da tabuada. Terá que ser ameaçado de sentar praça como simples soldado raso nas milícias de 1ª linha. Estará entre Maldonado e a estância do Paraíso, depois, como cabo do 1º Regimento de Cavalaria de Milícias de Fronteira do Rio Pardo. E passará por Cerro Largo.

Em Cerro Largo, Caetana chegará à janela para vê-lo passar e o elegante moço trotará pelo palco afora vindo ninguém sabia de onde... metido em negócios de gado... fazendo de tudo um pouco... fazendo tropa. Será importador de gado, informante das autoridades luso-brasileiras na fronteira, comerciante e estancieiro,

fornecedor de gêneros a lenha às forças de Lecor. E capitão de guerrilhas contra Artigas!

Será a hora da entrada em cena dos tipos criados a apoio, churrasco e mate amargo, e na falta de outros meninos, todos serão o mesmo, com o seu cavaleiro de pau cruzando o palco em caprichoso zigue-zague: primeiro, o gaúcho Miguel Canho, para quem era obrigação ser bravo tanto como o mais bravo; depois, o vaqueano José, a quem ninguém excedia nos misteres campeiros: iguais os encontrava, melhores nunca; e mais Juca Silva, Ulmerindo, Chico Pedro, o Capitão Rodrigo; não o Capitão Chico Santos, nem Blau Nunes — que poderia, entretanto, muito bem contar toda a história.

Blau, coitado, era gaúcho pobre, guasca de bom porte, mas que só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais. É verdade que, como toda a corte do herói, e como o menino no palco, era a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sério e infatigável. Mas Blau não; Blau ficará de fora.

Miguelito ficará de fora. E ficarão de fora todos os mestiços e negros e índios. Todos os perdedores raramente citados e a multidão de anônimos. Não haverá lugar em cena para tanta gente em ruínas e a pé. Só a cavalo, como num desfile de CTG!

O retrato compreenderá que é gaúcho e desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa; e passa a vida aventureiro, jovial, diserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como um diversão que lhe permite as disparadas, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo aos ombros, palpitando aos ventos, o pala inseparável, como uma flâmula festivamente desdobrada.

Mas se verá com a farda de capitão de guerrilhas, e continuará a cumprir os deveres de bom português, dando provas de valor e lealdade. É claro: terá que arregimentar por conta própria 120 homens e dar-lhes montaria e armas, e munição de fogo e boca, e dividir com eles o saque e as presas que fizer ao inimigo artiguista. Mas ficará com a maior parte do gado apresado. Ficará com uma maior participação percentual no produto bruto da guerrilha, de acordo com seu elevado posto e graduação.

Destinada esta guerrilha à defesa da Fronteira do Rio Grande, deverá o dito capitão apresentar-se sem perda de tempo... e receber suas ordens. O ponto de reunião... deve ser o outro lado do

rio Jaguarão, entre Bagé e Serrito, sendo-lhe livre adiantar-se no território da Capitania de Montevidéu, e podendo praticar todas as hostilidades permitidas pelo direito da guerra em todo aquele país.

O herói estará em sua venda na vila de Mello, chamada de Cerro Largo, já casado com a uruguaia Caetana, e terá sido alcaide da Vila, quando começar a enviar informes para os portugueses sobre o movimento de tropas uruguaias na fronteira. Recitará no meio do palco, pronto para se transformar em capitão de guerrilhas: V. Exa. não imagina o quanto amo minha nação, respeito aos meus chefes, e com particularidade, ao meu monarca!

Os maçons azuis, ao contrário dos maçons vermelhos, que eram republicanos, continuavam monarquistas. O gaúcho já era o centauro dos pampas e o monarca das coxilhas. Individualmente, ele era capaz dos maiores rasgos de violência belicosa, das piores aventuras do combater desesperado, dos mais enérgicos atestados da própria soberania; coletivamente, no entanto, o seu braço invicto serviu de esteio inabalável à patria segurança, foi a garantia do território... . . . foi o preparador da história, foi o preparador do povo.

Todos que se puder conseguir invadirão o palco vestidos de gaúchos e correrão gado na campanha oriental. Haverá muita necessidade de confiscar muito gado aos uruguaios para manter a guerrilha e será necessário manter a guerrilha para confiscar mais gado aos uruguaios. De uma vez, 7.622 reses serão tomadas ao inimigo. E todos se retirarão de cena com suas presas, ficando só o herói de azul com mais de 2 mil.

Os excessos que têm cometido as guerrilhas excedem a maior expressão; eles, embebidos com a ambição de suas correrias, não executam as ordens que lhes dá o Comandante da Fronteira do Serrito: passam e repassam o Jaguarão sem fazerem as devidas participações. (Isso se esquecerá.)

As correrias se repetirão e se repetirão. Alguém declamará: Para integralizar o território do Rio Grande como ele aparece, agora, no mapa, com suas divisas bem acentuadas, quanto esforço, quanta audácia, quanto sangue não foi preciso derramar! . . . Cada palmo de terra que os nossos antepassados conquistaram representa um ato de valor; foi arrancado das mãos dos espanhóis a ponta de lança, em rasgos de heroísmo. Não há uma coxilha, uma restinga, uma barranca de rio que não recorde as façanhas de bravura

dos nossos avós. Só a terra, como tudo neste mundo que se obtém com muito custo, é que se ama com verdadeiro carinho!

Um caudilho uruguaio e a mulher acompanharão atentos a trempe de voltarete, como compadres; um grupo de lavallejistas agitará a cena e ficará galopando em volta; o retrato receberá as insígnias do grau 33 e 65 votos para a Assembléia Provincial. Conduzido para o meio do palco com a farda de major de milícias promovido a coronel, fará este manifesto:

Compatriotas!

O amor à ordem e à liberdade que me consagrei desde minha infância me arrancaram do gozo do prazer da vida privada para correr convosco à salvação de nossa querida pátria.

Dirá mais: Vi a arbitrariedade entronizada e não pude por mais tempo ser surdo a vossos justos clamores; pedistes a cooperação do meu braço, e dos braços que me acompanham, e voei à capital a fim de ajudar-vos a sacudir o jugo que com a mão de um inepto administrador vos tinha imposto uma fração retrógrada e antinacional. E concluirá: Conheça o Brasil que o dia 20 de setembro de 1835 foi conseqüência inevitável de uma má e odiosa administração: e que não tivemos outro objeto e não nos propusemos outro fim que restaurar o império da lei, afastando de nós um administrador inepto e faccioso, sustentando de nosso jovem monarca e a integridade do império.

Outra vez no cavallinho de pau, o herói terá ido antes ao Rio de Janeiro, sob acusações, e voltado com uma pensão por serviços prestados como militar comandante da fronteira de Jaguarão.

A cena se agitará de novo. As crianças simularão ataques e batalhas, duelarão de espada, usarão lanças, farão degolas. Se cansarem, poderão dar as mãos e gritar em coro com o herói: Viva Pedro II! Viva o nosso monarca constitucional, o Sr. D. Pedro II!

De fora do palco alguém gritará: Viva a República! Viva a Independência!

As crianças gritarão: Viva o Brasil!

O herói será trazido à frente e, com poderes ilimitados, receberá o título de chefe e protetor da república e liberdade rio-grandense. Será o Bambá, o bambaqueré. O retrato do Queré estará rígido: as largas suíças, negras e ondeadas, terminam nas extremidades dos lábios que se apertam em desconfiança; os olhos, inquietos, erram pelos fardamentos sujos e rasgados. . .

O jogo estará definido. As cartas serão lançadas para o ar, para passar o tempo. O tempo passará, primeiro em Piratini, depois Caçapava e todos os lugares, São Gabriel, Alegrete...

Bambá sim. Mas não se permitirá que o herói seja chamado de tirano sombrio e desconfiado. Melhor lembrar que ele foi preso e desterrado e que um dia pediu licença aos carcereiros para tomar um banho de mar e se atirou nas ondas e começou a brucear com vontade, e quando os guardas caíram em si nosso bravo Presidente estava longe e já entrando na canoa dum amigo, pois tudo era combinação.

Não é de agora que uma opinião fortíssima se tem declarado contra o Presidente da República. A maioria do nosso exército o considera um general que trazia a desgraça a par de si; e convém confessar com sinceridade, que ou fosse efeitos dos caprichos da volúvel fortuna, ou meramente um resultado natural das disposições do mesmo general, a infelicidade acompanhou sempre este senhor e marcou todos os seus passos e operações como comandante em chefe do exército, excetuando unicamente as batalhas de Setembrina, a retirada sobre o Gravataí e a ação sobre o Arroio dos Ratos.

Azarado, quem sabe; mas ladrão, nunca!

Ladrão da fortuna, ladrão da vida, ladrão da honra e ladrão da liberdade, é o brado ingente que contra vós levanta a nação rio-grandense, ao qual já sabeis que junto minha convicção, não pela geral execração de que sois credor, o que lamento, mas sim pelos documentos justificativos que conservo. (Nunca permitir que Onofre apareça em cena e diga isso. Lavar com sangue a honra enxovalhada!)

O coronel Onofre parava os botes e respondia no tempo, mas com tanta força que a espada assobiava no coriscar. Nisto o general pulou para trás, fincou a espada no chão e pegou a tirar o tacão da bota, que se despregara. O coronel escruzou os braços e a espada dele ficou dependurada da mão, como dum prego...

E cruzaram de novo... Os ferros iam tinindo. E nisto, o coronel deu um — ah! — furioso, caiu-lhe da mão a espada... e a sangueira coloreou pelo braço abaixo, desarmado, entregue!...

Onofre será impedido definitivamente de aparecer em cena.

Não se poderá evitar que Caxias assoma ao palco como pacificador. Será cidade e rua e o mesmo menino de azul, só que com a coroa de barão, e lerá uma carta às autoridades da Corte: É tal a

desunião entre os rebeldes que não sei com quem se poderá tratar com probabilidade de bons resultados, pois que, esse mesmo governo que eles fingiram obedecer, mas que, de fato, é desprezado por uns e aborrecido por outros, está hoje inteiramente desmantelado e fugitivo, ora em carretas, ora em cargueiros. Os chefes que capitaneavam forças estão tão rivalizados entre si, que estou bem certo, pela experiência, que nenhum deles poderá comprometer-se a qualquer arranjo, receioso de outros seus rivais.

O retrato estará se estragando na parede da estância do Cristal e será preciso levá-lo para o Museu.

As cartas do jogo estarão marcadas e rasgadas no chão.

Haverá muita necessidade de pôr ordem no palco ou de começar tudo de novo.

Será melhor mudar as coisas.

D. Picucha conta que muita gente até hoje passa necessidade por causa dessa guerra e os que antes não tinham nada, depois dela ficaram com menos. Toda vestida de preto, pele de marfim, olhos de noz-moscada, buço cerrado, verruga no queixo, xale xadrez e chinelos de ourela, D. Picucha, D. Picucha Terra Fagundes saberá contar como se faz a representação.

Será tudo mais fácil.

Ainda será preciso riscar com rolha queimada as suças sobre as bochechas e usar um chapéu de bico e a túnica azul, com medalhas e dragonas, ter uma espada na mão e correr o palco num cavalinho de pau.

O retrato passará para os livros escolares e será decalcado com papel carbono e colorido com lápis de cor.

Novas parcerias serão formadas para o mesmo jogo, com as mesmas cartas.